

# ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 150

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 3 de Outubro de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

## JOÃO MEIRA

### E segue...

Vai fechar-se o ciclo do 3.º aniversário da República Portuguesa, implantada mais pelo esforço das almas patriotas que pela força das armas revolucionárias.

E' que um alto pensamento de resgate nacional impôs e fez aproximar o seu advento, evitando-se assim a suprema ignomínia da intervenção estrangeira—a falência inevitável do regaço monárquico representado por 880:000 contos de dívida pública.

Por isso mesmo nós dizemos que não existem convicções que façam ressuscitar a Monarquia.

Se há ainda uma parte da nação em ânsia insatisfeita, é porque os inimigos irreconciliáveis do Amor, da Ordem e do Progresso, não perdoando à República a sua feição radical, promovem insistentemente a desconfiança e o desassossêgo, não já para cantar o *te-deum* da vitória, mas para vingar um plano de ódio dissolvente e arrelizador, pois, como dizemos, *não existem convicções que façam ressuscitar a Monarquia.*

—¿ Que tudo caminha bem dentro da República? Não, decerto. A agravar essa desconfiança e êsse desassossêgo, desencadeou-se uma tempestade política—tam furiosa, que até parece que um vento de insânia e de extermínio quer varrer-nos o juízo, depois de nos ter levado a paciência. E não é tudo!

Há também êrros novos a combater, excessos de agora a verberar, maus precedentes de hoje a repelir...

Aperfeiçoemos a República para que ela seja amada definitivamente pelo Povo.

Tracemos na consciência dos cidadãos a sua directriz do futuro.

Entretanto saudemo-la com fé, gritando: — **Viva a República!**

Quando entrei para o colégio de S. Dâmaso, o P.º Firmino apresentou-o à minha consideração como um conterrâneo ilustre, julgando bem ingenuamente que era possível tomar alguém para modelo—na inteligência—o único vício humano que se não imita.

O João era então um riso aberto de franqueza e amizade. Naquele eterno receio que a todas as crianças amedronta, lançadas da família na população dum bulhentismo vário de encarcerados, ao sentirem-se isoladas—de afectuosa simpatia—entre tanta gente, eu vi o primeiro abrigo na asa carinhosa da sua devotada lialdade, que êle conservou inteiramente perfeita sempre, nem a mais pequena sombra de esmorecimento a manchando em qualquer instante.

A nossa convivência não foi larga, eramos de classes diferentes, o João desinvolto e rapaz, eu arrastando já êsse mórbido sentimentalismo de fraco que havia de transviar-me nesta desconsoladora *alegria de viver.*

Certo dia em que se festejava alguma coisa que mexia com o nervo patriótico, a grande gala duma sessão solene viera animar a imensa sala de estudo—onde as horas tantas vezes paravam numa arrelia interminável pelas noites invernosas—, com a orquestra do bom Martinó e a fonografice estrelajante de versos e prosa, a que todos davamos tantas palmas que até o P.º Amândio, austera catadura de disciplinador, sorria bonacheironamente. Mas eis que, lá ao fundo, no estrado circundado de vasos de palmeiras, destacando-se da bandeira do colégio com seu morcego de ouro, o João timbradamente desfia, num discurso original, as glórias de Guimarães!

Pela primeira vez eu ouvi falar assim da nobreza de heroísmo e trabalho da terra em que nasceramos e duplamente consolado por me contar a boa nova de tantos privilégios e forais, estreitando-se na luta da inteligência, aquele irmão mais velho.

Pouco depois, numa tarde, êle aparecia no *Comércio de Guimarães* com uns bem vestidos sonetos de sentimento e ironia.

A sua cultura era já invulgar e superiormente inclinada para a Arte. Numa febre da alma, o charuto acêso—êsse magnífico charuto de revolta que à noite de espiritual boémia nos acompanhava pelo infinito como espiralando a fumarada de vertiginosa locomotiva—, êle profundava

Camilo e Eça, Antero e Junqueiro, Flaubert e Zola, não com o incansável mas estéril ardor do transeunte esfomeado de Beleza, mas na ânsia perturbante, mais voluptuosamente envenenadora, de quem não perde mineiro que uma lanterna de Ideal encaminha no fundo da terra, uma só partícula por que ela possa ter a forma lapidar dum diamante.

Ah! como a mocidade sabia rir e sonhar... Riso que êle exteriorizou na *Parvónia*, mettendo-se como todos os loucos de dezoito anos e todos os sábios da setenta a endireitar o mundo, chapando na bochecha apoplética do Monstro um forte sinapismo de troça fantasista e de bom senso...

Deixando-se embalar na música subtil da Piedade pelos braços do Amor, eterno engano que êle domou vitorioso, do Verso harmónico e enlevante...

A Vida saudou-o respeitosa quando o viu surgir armado de grossos sapatos brancos ferrados, o cabelo cortado rente, casquinante, sem temor, um volume das *Farpas* debaixo do braço.

Com uma rara lucidez de crítica e ajudado por uma aberta memória incansável, o seu talento chegava para o cumprimento das tarefas nas Academias e para o regalo estruturalmente necessário da inclinação literária do seu espírito.

Começou, entre outros trabalhos que foi publicando a espalços, um romance—de que porventura encontrarão fragmentos entre os seus papeis— em que devia analisar, aproximando o naturalismo de Balzac da preocupação estética de Flaubert e da fina ligeireza cheia de graça de Daudet, a psicologia curiosa e doente dum preguiçoso.

Com extraordinárias faculdades de inteligência, de estudo e de trabalho, êle apresentava uma coleção variadíssima de artigos no *Independente*, interpretava a obra invulgarizada de Martins Sarmiento, elaborava um dicionário das expressões camilianas, rabiscava observações em quantos papeis trazia pelos bolsos, procurava cacôs antigos e os velhos pregões das festas nicolinhas, acompanhava solícito todo o movimento literário contemporâneo, colhia o Eça em flagrantes plágios, rimava como Antero com a sonoridade de Junqueiro, sempre aliás disposto a arrumar para cima de quantos mestres com a fastidiosa nomenclatura do esqueleto, dos tecidos...

Muito cedo, apesar desta educação intelectual a que só um espírito fortemente organizado resiste sem descançar na lamúria ou sem entrar numa constante revolta que, podendo ser muito justa nas suas aspirações, apenas consegue inadaptar-nos, o João se distinguiu pela sua ponderação cheia de bonomia.

Desta qualidade e do seu temperamento afectivo, êle que tinha bons e lais amigos porque era um bom e um justo, vivendo numa atmosfera do mais extremoso amor de família, havia de resultar a sua orientação política.

Tivera a embalá-lo o canto de guerra dos *Entusiastas*, essa epopeia brilhante em que seu Pai, homem de inconfundível dignidade pessoal e política, tanto se distinguira, e que veio felizmente acordar os nervos pacatizados da cidade tristonha.

O *Dr. Meira*, nome em que a minha geração aprendeu um conjunto de virtudes cívicas, educou o João com a ternura do Artista que se vai immortalizando na obra em que se agita o próprio sangue e se incrusta o melhor do espírito. Meu Pai querido, meu grande mestre—dizia comovidamente o filho. Com razão.

Marcou época o modo intelectual do jornalista—*Homo*—, versando com uma clareza de ideias que na literatura francesa lhe podia ensinar as questões de todos os dias, e a audácia cheia de brilho picaresco e heterogéneo saber em polémicas verdadeiramente modelares esfarrapando o adversário num grande riso generoso.

A lógica política—enganadora como os silogismos aristotélicos—anda à parte da lógica racional e das inspirações do sentimento—terá havido algum político que não fôsse por vezes como forçadamente injusto, vendendo só as coisas relativas ao centro em que se fixou numa metodização de intolerância permanente, apenas mais ou menos disfarçada?

O João era bem inteligente para escapar a êsse inclínio precipitoso, mas as circunstâncias são na política como as ondas revoltas na procela... Com a diferença a mais duma virtude completamente esquecida.

Ano passado, quasi pela última vez, encontramos-nos sós em Vila do Conde. O João, ao ver-me, chamou—e era bem a *mesma voz*, limpa de qualquer agravo, a mesma voz de amizade que eu ouvia outrora, pronunciando no mesmo tom o meu

nome. ¿ Já repararam como o nosso nome varia na entoação dum amigo da infância através da idade?... ¿ E das flutuações do interesse e no uso da chamada liberdade de pensamento e de consciência?

O seu curso na Escola Médica fecha como se abriu, na sessão do colégio, a sua vida pública—é sobre Guimarães que êle disserta num trabalho do mais alto valor pelas investigações históricas que encerra. Essas páginas, que, corrido pouco tempo, êle viu copiadas, sem designação da fonte em que as colhera, na obra dum filósofo por quem tivera uma fobia camilanesca, levaram-no a professor da Faculdade de Medicina, mas revelaram sobretudo em João Meira um excelente obreiro da ciência histórica, tam pouco entre nós cultivada e sujeita ao capricho verboso dos ignorantes ilustres.

A *Sociedade Martins Sarmiento* não encerrou as suas portas em mera e insignificativa demonstração de pesar.

E' que não tem, entre os novos, quem por enquanto o substitua realizando o salutar programa que o seu nome inspira.

A morte levou-lhe, ontem, o Abade de Tagilde, um dos mais carinhosos educadores de João nesse ramo.

Fica ainda Leite de Castro. Mas depois?... E tanto que fazer! ¿ Quem irá procurar as cinco citâneas que o Sarmiento dizia ver da sua janela do quarto de trabalho? ¿ E quem se preparará para terminar a importante publicação dos documentos históricos do Município?

Eu creio na sinceridade da sua amargura e, porque nela creio, lembro-lhe a piedosa tarefa de coligir e publicar a obra inédita deste sócio querido que tantos serviços desinteressadamente lhe prestou, e na qual poderá contar, se o quizer, com o esforço comovido dum sincero amigo de João.

“*Je porte, pèlerin, mon deuil et mon enui.*”

Foi o melhor pedaço da minha vida, a parte da mocidade que só o Ideal ilumina e que não obedece senão ao coração, que, domingo, levaram a enterrar na terra aldeã de Gominhões. Desventurado João! Pobre Pai...

Na maior dor humana, o próprio consolo divino há de ser ridiculamente atroz!

“*Pour le père acablée de cette double ruine.*”

EDUARDO DE ALMEIDA.

## DA NOSSA TERRA

## O "Arco-da-Velha,"

A espadelada tradicional, no de Corvite, que foi pequena nesse ano, fez-se pelos fins do Agosto, sob as telhas desmanteladas do alpendre, à luz vigorosa do dia, entre apenas cinco raparigas dos arredores.

Nem os linhos, a falar a verdade, davam para trabalho a tanta gente, da colheita escassa que um mês antes se havia feito; mas o Quim de Corvite — um feroz obeso a quem as calças sempre andavam caídas da barbiga — não entristeceu da mingua em que o deixaram sete sementes lançadas nos campos pela Senhora da Ajuda, e ainda um dia, cuspihendo nas mãos e sorrindo, em frente da mulher que abria nos linhos toda a alma dos olhos desgostosos, levantou as calças para a ilharga e apostou, com resolução:

— Mas tu queres vêr, ó Rosa, como isto — este pouco — com uns ferrinhos e umas canecas ainda dá obra pra duas dúzias de mças? E que até fica milhor; queres vêr?

— Tu estás doido. Duas dúzias de mças!... — sorria ela. Duas mças, e bonda!... E apartou-se dali a agitar os ombros de desengano, com o homem atrás, desiludido e consumido, a coçar na suíça:

— Diabos leve o diabo, que só deu duas farripas!...

Não foram duas dúzias de mças, como o lavrador tanto queria, nem apenas duas espadeladeiras, como conviera a sr.<sup>a</sup> Rosa. A cinco foi que o de Corvite falou, por uma aberta de pejeiras, em Santa Eulália, quando as raparigas, inquietas na lida, corriam com a sachola para os pés vermelhos e pesados as areias lavadas e o raposo esgaçado das raízes.

— E ganhais a oito vintens, com o caldo, mças!

— E uma pinga, se Joaquim?

— Não que também vos dou uma pinga. Vende lá!...

As raparigas bateram, de contentes, o aço das sacholas entre o milharado verde, alto e luzente, felizes mais pela falga próxima da espadelada, do que pelo jornal espantoso, no qual elas, aliás, pouco podiam acreditar.

— E então, o dito, dito, não, raparigas?

— Conte connosco — abreviou uma delas, continuando o pijejar.

O Quim de Corvite, puxando as calças de linho branco no colchete da maneira, lançou o engão ao ombro e apertou o chapéu de palha, levantando dali para longe, para um pinheiral, em Azorem.

— Sempre a espadelada, afinal, não será triste! — monologava, caminhando.

Naquela manhã, então, realizou-se a espadelada.

Salvando, contentes, as mças subiram juntas a escada de pedra do alpendre, de espadadoiro sobraçado e o avental a apreciar-se na ilharga, com reserva de fruta verde, roubada ao acaso, em terras deste e daquele, pelo caminho.

— Não que então... Ano de mais pobreza!... A todos aconteceu o mesmo... — afirmavam elas, confortando o espirito ambicioso da sr.<sup>a</sup> Rosa.

— Com este linho, sobra a estopa, nem os remendos faço...

— Olhe: o senhor tenha pena de nós!...

— Infinita misericórdia!...

Dividida a rama, cada mça buscou um preguiceiro de carvalho, foi sentar-se deante do espadadoiro, colocou o linho do lado; e, duma só vez, erguendo os alfanges das espadelas e rindo, todas começaram malhando, afoitas

logo que a barba da estopa começou a desprender-se em penachos crespos e leves para o sobrado.

Tinham caído as dez horas quando a espadelada começou. E então já o sol ardente lustrava e mordida, em pleno, os verdes alegres do campo, por uma exalação de calores que povoavam o ar de um cheiro monoto e forte. Na sombra azulada do alpendre, nódos de ouro, da luz filtrada pelas telheiras, coloriam de graça o trabalho das raparigas, resolutas e constantes. Em frente do telheiro e ao cimo de um colmaço negro, das cortes, uma latada desdobrava, amarelecida e exausta. Abelhas embriagadas, zumbiam, perdidas da colmeia. Pelas terras fora o calor absorvia a aragem, com um morder violento, de brasa. E então mais longe, lá muito ao longe e recortado no espaço ferrete e duro, sobre o campanário alvejante e agudo, o galo vermelho da torre não se movia, alto e voltado a leste, por tempo incerto, numa impertigação paciente e heróica. Nas cortes, em frente, pelos silêncios cansados, os gados mugiam, sequiosos.

E as pancadas persistentes das espadelas nos linhos, pela tarefa aturada, batiam duras, batiam!...

Pelo meio da tarde, então, puseram-se a caminho, batendo a poeira do restolho por entre os silvados e as hortas.

— Não que então... um calor assim!...

— Não façais pó! Batei de alto!... Ele que horas são?...

— Vai passante das cinco... E ainda vamos ter trovoadas. Vós não vendes aquela nuvenzinha negra, lá abaixo, ao galo?...

— E' um milhafre, não é núvem.

— E' núvem, e vós vereis.

Nas eiras, de onde em onde, quando as mças salvavam, uma figura isolada, com o chapéu de palha derribado aos olhos, espalhava em redor as vagens torcidas dos feijões novos, que se mirravam do sol batido em pancada sobre o alpendre e as lages.

Mas já as mças iam longe, na abalada; e uma delas, ao alto dum monte custoso, do qual ainda haviam de descer, parou súbito, com a mão no peito e ansiosa, atirando o corpo a uma pedreira, para que as outras parassem também.

La o espaço pesado e mais baixo, numa grude nuvem de ouro sujo, que de continuo engrossava e subia, como um enorme tolo de vaga a espriar-se. No horizonte, outra nuvem, mais temerosa ainda, listrava-lhe dum negro aveludado e quieto a orla ardente e extensa. Parecia que nas terras tudo havia parado, de um grande ar estranho que dominava e oprimia a paisagem, abismando a em sédes dolosas. E então, mais constantes, as mças afoitaram-se, dobrando de cuidados pelo caminho a percorrer. Duas delas, ao alto de Prazins, rodaram sobre a direita, com destino à aldeia de S. Bento, receiosas da tarde, que começava a entenebrecer e a entontecê-las. Quasi dormentes de cansaço, um como que lume de brazas mordida a terra porque batiam na borda aspera dos ortigaes empoados.

— Rodai depressa, que êle é noite!...

— Daqui lá vão duas horas.

— Deixá-lo!...

— Adeus, ó Luisa — agora não te botes ao rio!...

— Adeus, adeus!...

E perderam-se de vista, entre os caminhos de tojo empedrados e ardidos.

(Continua).

Alfredo Guimarães.

## ECOS

## 3.º da República

Vamos apontar mais um aniversário de regimen republicano.

Há quem, vendo a acção decorrida, conclua por afirmar que a República faliu.

Efectivamente a República faliu-se a olharmos dentro do âmbito das suas promessas. Mas é bom reflectir que dos dominios do idealismo à prática, sempre houve a diferença que é peculiar entre deuses e homens, e, se a República, em parte, mais não tem feito de bom para o país, isso se deve também ao tempo perdido com os zelosos defensores do passado — os conspiradores — e mais com os iluminados propugnadores do futuro — os sindicalistas — uns e outros apostados, não em aperfeiçoar, mas antes em destruir.

Ainda assim a República já pôde patentear o seu prestigio administrativo e o seu alcance social e reformador — embora ladre a malilha ao passar a caravana.

## O atentado

Foram sempre delicados os períodos revolucionários e, mais ainda, quando êles realizam golpes tam profundamente radicais como foram, por exemplo: as leis da expulsão dos jesuitas, congregações religiosas e separação da Igreja do Estado, etc. Não é, portanto, muito para estranhar que uma vertigem de alucinação perpassasse pela mente de obcecações fanáticos, gerando em si a monstruosa idea de exterminar essa figura de maior relêvo da democracia portuguesa — Afonso Costa.

Observar-nos não que não eram reaccionários os figurantes miseráveis da praça das Maçãs. Engano. Nem por se mascararem de sindicalistas deixam de ser, com semelhante attitude, os peores dos reaccionários — que é a reacção do ódio, produzindo recuo em vez de avanço.

## Jamais!

Sim, jamais a Monarquia voltara a ter predominio em terras de Portugal. Podem continuar, podem repetir terceira, quarta, quinta vez e por aí fora, as intenções, que nem o povo útil já os suporta, a sério, pois bem sabe que o que os move não são convicções, mas o dinheiro dos jesuitas e de alguns brasileiros — género panorácio.

Depois, ... a história diz-nos que o constitucionalismo vencedor em 1834, ainda 14 anos contados, se defendia de conspirações miguelistas.

Fartem-se, portanto, ... até que a lenda se amerceie e tome conta de almas tam mesquinhas e pequeninas.

## Alerta!

E' evidente que novos movimentos conspiratórios se tramam na generosa intenção de se voltar ao antigo em matéria de réis, jesuitas, congregações, predomínio da Igreja, adeantamentos à moda da casa de Bragança e conde de Lagoaça, etc., etc. — o que em boa verdade é caso para sentir saudades.

Pois andem lá os meninos com essa coisa distraindo a República das suas atenções administrativas e de fomento, e venham depois à sua imprensa queixar-se — «que isto vai peor», «que a República é a anarquia...», etc., como se a acreditar em tal não fosse essa malta a peor culpada, pelo desassossego e mais pelos gastos que ocasiona ao tesouro!

## Falar de mais

O comicio de Algés, realizado pelo partido evolucionista e presidido pelo seu pontífice o sr. dr. António José de Almeida, deu material de escândalo em abundância, — não para abalar a República ou sequer o governo, mas para patentear, mais uma vez, que essa aureolada figura da Revolução devia ter avançado... para o anarquismo puro, pois só ai êle brilharia com a pujança do seu verbo inflamado. Assim, falando como fala, só colherá tempestades — e os tempos não vão para borrascas.

## Sensato... êle?

O «Dia», Alcorão do defunto regimen e mais dos seus áulicos, afirma, mais uma vez, «que não vê no Senhor D. Manuel o seu Augusto amo».

¿ Mas então, a quem quer êle por rei, amo e senhor, se inspira e delira pela defunta?!

— D. Miguel?

— Príncipe estrangeiro?

— D. Afonso de Bragança?

— Marquez do Soveral?

A apostar em como teem já pronto um plano de Monarquia sem rei!

## Transcrevendo-nos

O Socialista, diário de Lisboa, transcreve e comenta o nosso «Novo Partido», e, porque a nossa doutrina é, na matéria, igual á deles, concluem que nós não navegamos «nas águas afonsistas».

Está bem. Só o reparo era dispensável, visto que, estando nós no Partido Republicano Português, não embargo a sua disciplina que estejamos também com a nossa independência de critica e de vontade.

## CONSUMATUM EST!

I

La findar o drama sanguinário  
Pedia, inerte já, quasi gelado,  
O corpo desse heroico visionário  
Jesus, o nazareno, um revoltado.

Inunlava de luzinda o Calvário  
O sol quasi a morrer, avermelhado.  
Jesus morria inerte e solitário  
A's mãos do sacerdotio alucinado.

O povo para a cruz erguia os braços,  
Atirava-lhe injúrias e pedradas.  
E de Jesus os olhos ternos, baços

Fitavam-se nas gentes desvairadas.  
Corriam-lhe de espaços a espaços  
Lágrimas pelas faces requeimadas.

II

Pela mente do Cristo, nesse instante,  
Passavam, em tropel desordenado,  
Recordações longínquas do passado  
E da aldeia natal, lá tam distante.

Dêse sonho de luz inebriante,  
Que alguém verá jamais realizado,  
Despertou afinal, horrorizado,  
Pregado no madeiro, agonizante.

Ele que o Bem sonhára e a Verdade,  
Que buscára no mundo a Equidade  
Sem que pudesse enfim tê-la encontrado,

Cheio de dôr e tédio desta lida,  
Nada avistando para além da vida  
Disse morrendo: — Tudo consumado!

Gominhães, 8-VIII-98.

João de Meira.

(Da Parvonia.)

## Descanço das farmácias

Está aberta no próximo domingo a farmácia Alves Mendes.

## Polícias funestos

Tendo nós feito aqui uma campanha saneante à corporação da Polícia Civil, desta cidade — campanha que teve como desfecho a substituição do seu chefe e da maioria dos seus guardas — quizeramos que tudo agora concorresse para fazer o prestigio e revestir de autoridade os actuais membros desse organismo depurado, visto que, expurgado dos seus elementos perniciosos, outra tem de ser a sua conduta e procedimento.

Para que assim suceda basta que se registre a circunstância de estar à frente da corporação um chefe sabedor e criterioso, como já eloquentemente o tem patenteado, sendo de esperar que a sua contextura profissional consiga instruir e preparar, por um apprendizado de tempo, uma policia de utilidade para o bem público.

Mas, não obstante a nossa disposição favorável e expectante e ainda a boa vontade empregada — queremos crer! — por banda do sr. Fausto Rebêlo, com tudo isso já ainda ali usam processos que é forçoso que acabem, e por ai se oferecem espectáculos que é mister coibir tam pouco dignificantes êles são!

A selecção e o renovamento que a sindicância produziu na corporação, não evitou, ao que parece, que um ou outro mau guarda se destaque, sendo funesto que êles ali medrem, pois se pelo contágio se comunicam as maiores doenças, bom será... afastá-los, para evitar que a opinião pública diga amanhã — «¿ que a policia está na mesma!»

Vamos até ao ponto de tolerar um erro por exaltação ou provocação de momento: o que não tem atenuantes nem pode ter desculpas são as consequências dos maus hábitos radicados e normais, dos maus hábitos tornados vício, e os viciosos não podem policia os cidadãos, antes, por interesse destes, teem de ser policiaados.

Compenette-se um mantenedor da ordem, (que é um policia), da sua alta função na sociedade, e jámais perca de vista que o seu maior papel está em pacificar, exercendo só o direito da força quando esgotados todos os meios de persuasão e de cordura ou a sua autoridade periguo. Fora disso, nem sequer a amiaça da detenção lhe será lícita, pois sempre se conquista mais pela bondade que pela violência... demais a mais, violência sistemática, por espirito de maldade e de vingança.

Isto dito compreende-se quanto se torna mister que a conduta dum membro da policia seja isenta de hábitos viciosos, pois sendo, como é, delicada a sua função, correcto deve ser o seu procedimento e disciplinar a sua conduta.

— Estas considerações foram-nos sugeridas por um acontecimento de rua passado na segunda-feira, em que um policia, — informam-nos — se não fôsse a intervenção pronta do chefe sr. Fausto, factos graves ter-se hiam que lamentar... por causa da bebedisse dum guarda!

Vergonhoso!

## Cantina Escolar Vimaranesense

O beneficio desta Cantina principia no próximo dia 7 de Outubro e previnem-se os pais ou tutores dos beneficiados no último ano lectivo, de que as faltas dadas nos dias 7, 8 e 9 são tidas como desistência, considerando-se vagos os lugares.

Guimarães, 30 de Setembro de 1913.

O Secretário da Direcção,

Alvaro da Silva Penafort.

**Dr. João de Meira**

Ausentes na Povoada de Varzim à data em que pelos jornais diários tomavamos conhecimento da morte deste nosso conterrâneo, apenas então a Alvorada pudera registar o lutooso acontecimento, de passo que endereçavamos à família do extinto o nosso pesar sentido, pois compreendemos bem quão intensa é a dor daqueles que perderam, tam prematuramente, um filho e um irmão de talento e méritos comprovados.

Dispensados estamos, porém, de dizer aqui quem foi João de Meira, pois melhor que nós e com mais directo conhecimento o traceja, no presente número, o dr. Eduardo de Almeida — a cujas palavras de justiça nos associamos.

O enterro do illustre vimaranense, que se realizou em Gominhões, no passado domingo, constituiu uma alta manifestação de apreço à memória do morto e de profunda estima a seu pai o estimado clínico dr. Joaquim José de Meira.

Falaram junto do coval, o sr. Domingos Leite Castro pela Sociedade M. Sarmento; dr. Augusto Brandão, director da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, de que o finado era lente, e dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães em nome dos seus colegas desta cidade.

**Federação das Associações Operárias de Guimarães**

Presidida pelo delegado dos Alfaiates, secretariado pelos delegados dos Cortidores e Surradores e Alfaiates, reuniu, na última terça-feira, a Assembleia Federal, desta cidade.

Lido o officio da Federação Operária de Lisboa pedindo para reforçar o pedido feito ao chefe do Governo para a aprovação da lei dos accidentes de trabalho; resolveu aceder ao pedido.

Officio dos operários Cortidores e Surradores, desta cidade, participando que é delegado a esta federação o sócio Manuel Machado em substituição dum outro ausente.

Resolvido levar a efeito, no próximo dia 12 do corrente, as seguintes reuniões sobre a carestia do milho e géneros de primeira necessidade. A's 9 na Associação dos Cortidores e Surradores é ás 15 no Pevidem, fazendo uso da palavra, alem de alguns companheiros desta cidade, um membro da Federação das Associações do Porto.

Resolveu ainda mais: uma comissão entender-se com o presidente da câmara sobre a carestia do milho, no próximo domingo.

A próxima assemblea federal é na sede dos Cortidores. Procedendo-se à chamada dos delegados verificou-se faltarem dois delegados das Quatro Artes e Textil.

**REPORTAGEM**

A fim de tomar parte nas festas do 5 de Outubro que se realizam no Porto, parte no próximo sábado para aquela cidade a Nova Filarmónica Vimaranesense.

As aulas reabrem no dia 10 do corrente mês de Outubro.

Nos dias 4 e 5 de Outubro as correspondências, excepto jornais, tem de levar o selo da Assistência.

VICTIMADO pela tuberculose, faleceu com a idade de 20 anos no hospital da Misericórdia, desta cidade, Joaquina Vieira Guimarães, esposa do sr. António Teixeira Lopes, guarda da policia civica.

O enterro realiza-se amanhã, pelas 17 horas, civilmente.

REGRESSARAM do Vidágo, a esta cidade, o sr. José Pina, reitor do liceu, e a Braga, o sr. capitão Pina Guimarães, secretário da redacção da «Alvorada».

O sr. dr. Sousa Júnior, illustre ministro de instrução pública, que está trabalhando na organização das escolas móveis, empenha-se em que se crie, dentro dos limites do orçamento, o maior número possível de missões, sendo dotada com 7 escolas o distrito de Braga.

UM dos números que a comissão das festas ao 5 de Outubro, em Santo Tirso, promove, é sem dúvida a corrida de bicicletas entre aquela vila, Guimarães, Fimalcção e Santo Tirso.

O ciclista António Ribeiro Júnior, desta cidade, também concorre, entre outros, à corrida de bicicletas.

A fim de assistir às festas do 3.º aniversário da proclamação da República, que se realizam em Lisboa nos dias 4, 5 e 6 de Outubro, parte amanhã para aquela capital o sr. Guilhermino Alberto Rodrigues, administrador do concelho.

**Aviso ao público**

A Administração G. dos C. e Telegrafos e Fiscalização de Instalações Eléctricas, convida por este meio os proprietários de instalações eléctricas ligadas à rede pública que ainda não foram fiscalizadas a legalizar a existência das mesmas instalações até ao dia 30 do corrente mês nos termos do regulamento de 30 de Novembro de 1912, devendo para o efeito permitir ao fiscal técnico do governo, no dia que por este lhes fôr indicado o acesso aos locais em que se acham instaladas afim de se poder exercer sobre elas a fiscalização expressamente estabelecida no art. 188 da lei de 24 de Maio de 1911.

No caso de ser recusada ao fiscal a entrada nos locais das instalações lavrar-se há auto para a cominação das penas legais, nas quais se compreende a de multa de 100 a 500.

Outrosim se convidam os proprietários de instalações eléctricas que já foram fiscalizadas a apresentarem ao fiscal que as fiscalizou uma estampilha do imposto do selo da taxa de 10 centavos para lhes ser passado o competente titulo de licença bem como a efectuarem o pagamento da taxa devida pela fiscalização indicada no aviso que lhes foi remetido pelo fiscal até ao dia 15 de Outubro, como pelo governo foi autorizado.

As taxas devidas pela fiscalização que não forem pagas voluntariamente até à data indicada serão cobradas pelo processo das execuções fiscaes, nos termos do art. 104 do regulamento de 30 de Novembro de 1912, sem prejuizo das penas applicaveis nos termos da legislação em vigor.

**Câmara Municipal**

Sessão de 27 de Agosto de 1913

Presentes os cidadãos Leite da Silva, Cardoso, Ferreira Guimarães, Abreu Guimarães e Dias Pereira, sob a presidência do cidadão Mariano da Rocha Felgueiras.

**Balanço**

Relativo à semana finda, acusa os seguintes saldos: Em depósito na Caixa Econó-

mica cinco mil escudos; idem, na Caixa Geral de Depósitos, três mil seiscientos e oitenta e seis escudos e desesete centavos; e em dinheiro, mil quatrocentos e setenta escudos e vinte e oito centavos e meio.

**Offícios**

Do vereador António Barbosa de Abreu Guimarães, agradecendo o voto de condolências, exarado na acta anterior, em virtude do falecimento de sua mãe.

—Do Governador Civil comunicando que a Direcção Geral de Agricultura, pela sua secção de Fomento Commercial, informa que não é possível atender o pedido desta Câmara, sem que o Governador autorise nova importação de milho, ficando, porém, tomada a devida nota do referido pedido; inteirada.

—Do Inspector Primário, deste círculo, informando a Câmara que julga da máxima conveniência que este concelho seja contemplado, pelo menos, com uma das escolas a que se refere o decreto de 9 do corrente.

Que deve ser, porém, destinada especialmente a adultos, convido escolher-se para a sua instalação um centro onde possa ser frequentada, como S. Torquato, por exemplo, quando não se preferir um em que não haja escola; inteirada, resolvendo responder ao officio do Ministério de Instrução Pública de harmonia com a informação do Inspector, prestando a Câmara todo o auxilio na parte que respeita à instalação da escola e despesa da luz.

—Do Comandante dos Bombeiros Voluntários, lembrando a colocação de duas bôcas de água, sendo uma na rua de Alcobaga e outra na rua D. João I, e, ainda, a ligação da canalização da rua de Gil Vicente com a de Paio Galvão; atendido.

—Da Junta de Paróquia da freguesia de S. Martinho do Conde, pedindo as urgentes reparações que carece o edificio da escola primaria, daquela freguesia; tomado em consideração.

**Requerimentos**

Foram passadas licenças de caça, em harmonia com a lei de 7 de Julho, deste ano, a 95 cidadãos deste concelho.

—De António Joaquim Gomes de Meira Lopes, de Santa Cristina de Longos, pedindo licença para reformar de pedra a frente do prédio da sua habitação; concedida.

—De José de Abreu, marchante, pedindo licença para passar para o seu nome o talho para a vendagem de carne de gado vacum, sito na rua de S. Dâmaso, que se acha em nome de sua mulher Palmira de Sousa; deferido.

—De Maria de Jesus Vieira Cardoso, da freguesia de Ronfe, pedindo licença para vedar com parede um terreno que possui marginal à estrada municipal que dirige de Brito às Caldas das Taipas; concedida unicamente na parte confinante com a estrada.

—De Rosa Maria Peixoto, pedindo licença para partir pedra, por meio de dinamite, no monte da sua propriedade, sito no lugar da Ponte, freguesia de S. Cláudio do Barco; deferido, na parte para que tem competência.

—De Manuel Lopes Alves Guimarães, morador na cidade do Porto, pedindo licença para construir umas ramadas sobre o caminho público confinante com terrenos do requerente, sitos no lugar de Atim, freguesia de Infias; resolveu, em observância às instruções dimanadas da Comissão Distrital, mandar publicar editais e nomear os cidadãos Serafim José Pereira Rodrigues e Alvaro da Silva Penafort para procederem à avaliação do terreno.

—De Francisco Gonçalves da Cunha, amanuense da Repartição dos Impostos Indirectos Municipais, pedindo a prorrogação de mais 4 meses de licença, e Jus-

tino Pereira Basto, guarda, pedindo mais 40 dias de licença, sem vencimentos; deferido.

—Da Comissão Paroquial da freguesia de Fermentões, pedindo para a Câmara mandar proceder à necessária reparação e melhoramento do caminho público que da estrada nacional n.º 31 segue para as freguesias de Corvite e outras. Que a comissão requerente concorre para esta obra com a quantia de 15000, ou antes metade da despesa que com a mesma se fizer; à Repartição das Obras para elaborar o projecto e orçamento.

**Participações**

De Acácio Machado da Silva Faria Oliveira participando que Manuel Salgado, da freguesia de Guardizela, andava com 24 cabras a pastar, em terrenos do participante, situados no lugar de Agra de Cima, terrenos cultivados a feijão; mandou aplicar a necessária multa.

—Do Chefe dos Impostos Municipais participando que o Sub-chefe dos impostos e um guarda encontraram no Monte da Penha, pertencente a Casa do Souto Novo, 17 cabras e 5 bodes, pertencentes a Francisco Martins, da rua Dr. Avelino Germano. Que as aludidas cabras foram apreendidas e conduzidas para o curral de Pedro Carvalho Melo, mas chegando ao Largo 1.º de Maio appareceu-lhes ao encontro Francisco Martins, sua mulher e o seu creado Joaquim, armados de paus, tentando agredir o Sub-chefe e espancando o guarda, fugindo em seguida. Ao sr. Administrador do Concelho para investigar e promover o que fôr de lei.

—Ficou inteirada da conta corrente apresentada por D. Maria da Conceição Miranda de Barros, tesoureira da comissão da Festa da Arvore, realizada no dia 9 de Março, do corrente ano, a qual acusa um saldo positivo de 1752, resolvendo que esta quantia fôsse entregue à Cantina Escolar.

—Resolveu enviar ao síndico municipal para parecer a participação dada pela Comissão Paroquial da freguesia de S. João de Airão, acerca duma fonte pública.

—Deliberou levantar da Caixa Geral de Depósitos e Instituições de Previdência a quantia de 2600000, para despesas da viação municipal classificada.

**Regimento de infantaria n.º 20**

Conselho Administrativo

O conselho administrativo deste regimento faz público que no dia 17 de Outubro de 1913, pelas 13 horas, na sala das sessões do mesmo conselho se há de proceder à arrematação em hasta pública dos géneros necessários para os ranchos do dito regimento pelo espaço de tempo que vai de 1 de Dezembro de 1913 a 30 de Novembro de 1914.

Os géneros a arrematar são os constantes do caderno de encargos que está patente na secretaria do mesmo conselho todos os dias úteis das 12 horas às 15 e do qual constam todas as condições para admissão ao concurso público bem como as referentes aos fornecimentos.

Quartel em Guimarães, 28 de Setembro de 1913.

O secretário do conselho administrativo, Carlos Carrilho Quinteiro, Tenente da administração militar.

**EDITAL**

1.ª Publicação

A Comissão Paroquial de S. Torquato, faz público, que está em arrematação toda a obra de carpinteiro do edificio escolar desta freguesia, por espaço de quinze dias, a contar da data de hoje.

Os concorrentes farão as suas propostas em carta fechada ao tesoureiro João Vasco Cardoso Guimarães, do lugar da Corredoura.

As condições podem ser vistas das nove horas da manhã, até às dezasseis horas.

S. Torquato, 28 de Setembro de 1913.

O tesoureiro,

João Vasco Cardoso Guimarães.

**Associação de Classe**

DOS

**Empregados de Comércio**

Convocação da Assembleia Geral

São convidados os socios desta Associação a reunirem-se em Assembleia Geral extraordinária, no próximo domingo, 5 do corrente, pelos 10 horas, na sede desta colectividade, para se resolver a filiação desta Associação na Federação das Associações de Classe dos Caixeiros Portuguezes e Federação das Associações Operárias de Guimarães.

Se não comparecer número legal de sócios ficará a sessão adiada para o domingo immediato, 12 do corrente, pelas mesmas horas, funcionando com qualquer número.

Guimarães, 2 de Outubro de 1913.

O Presidente, Raul Rocha.

**EDITAL**

A Comissão Concelhia de Administração no Concelho de Guimarães:

Faz saber que no dia 6 de Outubro, do corrente ano, às 12 horas, na administração deste concelho, são arrendados em hasta pública, sob as bases de licitação abaixo indicadas, os passais e residências paroquiais das freguesias seguintes:

Balazar, 25\$00; Gandarela, 10\$00 e Lordelo, 70\$00.

As condições dos arrendamentos acham-se patentes na administração do concelho, onde os interessados poderão examiná-las.

Guimarães, 30 de Setembro de 1913.

O Presidente da Comissão,

Abel de Vasconcelos Cardoso.

**Em Vizela**

Aluga-se uma casa de dois andares, com mobilia, na rua Dr. Pereira Caldas, n.º 52; tem seis janelas de frente e pavimento térreo, próprio para qualquer negócio, pelo aluguer de oitenta mil reis por ano.

Pode ver-se todos os dias.

Horário dos comboios

Ascendentes

ESTAÇÕES		* Rápido		•	* Correio		* Domingos e dias fer.
		Diário	Dias úteis		Diário	Dias úteis	
Linha de Guimarães	FAFE	P. 3,00	7,15		12,28	16,05	20,23
	Guimarães	C. 3,53	8,08		13,21	16,58	21,10
		P. 4,01	8,16	10,49	13,29	17,07	21,30
	Vizela	P. 4,21	8,33	11,13	13,49	17,30	21,50
	Lordelo	P. 4,33	8,43	11,25	14,09	17,42	22,01
	Negrellos	P. 4,47	8,54	11,41	14,14	17,57	22,13
	Santo Tirso	P. 5,08	9,13	12,02	14,55	18,19	22,33
Linha do Minho	Trofa	C. 5,27	9,30	12,25	14,54	18,39	22,52
	Valença	P. 5,23	9,26	7,55	13,20	15,25	16,40
	Viana	P. 5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19
Linha da Beira	Braga	P. 6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04
	Trofa	P. 7,30	9,44	12,41	15,54	18,57	21,47
	Porto	C. 8,56	10,30	13,22	16,39	19,50	23,08
	Trofa	P. 5,51	9,46		15,05	19,58	
	Braga	C. 7,44	11,15		15,58	21,29	
L. da Beira	Viana	C. 8,31	11,47		16,26	22,33	
	Valença	C. 10,50	13,19		17,31	23,07	
	POVOA	C. 8,51	13,54		17,20	22,10	
Norte	Porto	P. 8,35		Expresse	15,48	17,54	19,47
	Lisboa	C. 14,31		Rápido	11,13	23,53	6,25

Descendentes

ESTAÇÕES		Rápido		Expresse	Rápido		Domingos e dias fer.
		Diário	Dias úteis		Diário	Dias úteis	
Norte	Lisboa	P. 18,55	21,35	21,35	8,30		
	Porto	C. 0,32	7,35	7,56	14,19		
L. Minho	Porto	P. 4,30	7,26	7,44	8,43	14,18	17,10
	Trofa	C. 5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50
	Trofa	P. 5,51		8,36	9,46	15,05	17,52
	Braga	C. 7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58
	Viana	C. 8,31		10,25	11,47	16,26	19,20
L. da Beira	POVOA	P. 10,50		13,19	17,31		9,17
L. de Guimarães	TROFA	P. 6,35	8,11	8,47	9,58	16,10	18,00
	Santo Tirso	P. 6,57	8,31	9,11	10,20	16,35	18,18
	Negrellos	P. 7,18	8,54	9,29	10,41	16,56	18,35
	Lordelo	P. 7,33	9,08	9,41	10,54	17,11	18,46
	Vizela	P. 7,48	9,24	9,54	11,08	17,26	18,58
	Guimarães	C. 8,07	9,44	10,12	11,27	17,44	19,14
	FAFE	P. 8,17		10,17	11,34	17,52	21,36
	C. 9,13		11,13	12,28	18,47	22,32	

\* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha e Cepões.  
 • Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepões.  
 • Idem em Madalena, Covas e Cepões.  
 • Idem em Espinho, Madalena e Covas.  
 •• Idem em Cepões.  
 As designações no xadrez das colunas referem-se aos comboios de Guimarães, exclusivamente. Os comboios da Póvoa são diários.  
 As comunicações com Lisboa fazem-se em Campanhã.

Livraria editora  
**GUIMARÃES & C.**

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um velho, de Eschich (2.ª ed.)—73 e 74. A obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenina, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zarathustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volume publicado (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis—14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diaburas da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

Instituto Médico-Dentario

Rua Formosa, 331—PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR cirurgia-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentário de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

DENTADURAS COMPLETAS

(TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA

PLATINA E CIMENTO

DENTES A PIVOT

LIMPEZA DOS DENTES

OPERAÇÕES SEM DOR

OBTURAÇÕES A OURO

COROAS DE OURO

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga Merceria e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licors genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, frutas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28—GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial.

Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde.

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Srs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gozam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

Interesses no Brazil

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

Ano . . . . . 1\$200 rs.  
 Semestre . . . . . 600 "  
 Brazil, ano (moeda forte) . . . . . 2\$500 "  
 Número avulso . . . . . 30 "

Anuncios e comunicados, por linha . . . . . 40 rs.  
 Repetição, por linha . . . . . 20 "  
 Permanentes, contracto convencional.  
 Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ao Cidadão